O rosto pós-humano de Anitta: entre o rastro, o dado e o hífen[1]

Dominique Lemes Chagas[2]

Resumo expandido Painel Temático 23

O rosto é o mais antigo dos dispositivos técnicos. Desde que o cinema acendeu a luz sobre a carne, toda imagem tornou-se uma negociação entre corpo e máquina. Em termos foucaultianos, o dispositivo é uma rede de forças que articula saberes e corpos; nele se cruzam o visível e o enunciável. Flusser (1985) chamaria esse mesmo gesto de aparelho, uma máquina de traduzir o mundo em superfícies codificadas. Sob essa dupla chave, o rosto surge como o aparelho inaugural do sensível: uma tela viva onde a técnica aprendeu a ler o humano. Neste trabalho, o rosto de Anitta é tomado como o palco visível de um drama semiótico — o da sobrevivência do sensível em meio à lógica algorítmica. Nosso objetivo é compreender como a dissertação de Chagas (2024), O Rastro Pós-Humano na Estética do Audiovisua*l*, manifesta-se nesse rosto-texto cultural, à luz das ideias de Santaella (2013). Afinal, na cultura visual contemporânea, a face não apenas aparece, mas se escreve: o bisturi, o botox e o filtro digital assumem a função que outrora cabia à câmara e à película.

A investigação que deu origem a O Rastro do Pós-Humano na Estética do Audiovisual (Chagas, 2024) explora o pós-humano não como extinção do humano, mas como sua tradução incessante em regimes técnicos. O termo "rastro" é a evidência disso: o lampejo de afeto, o resto sensível da imagem que persiste mesmo quando o corpo se dissolve em código. Essa concepção encontra sua base em Lúcia Santaella, precursora do pensamento pós-humano no Brasil e orientadora da

[1]Trabalho apresentado no eixo Filosofia da tecnologia: IA, pós-humanismo, trans-humanismo XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM ESPM) com bolsa CAPES — Código de Financiamento 001, Mestre em Tecnologias da Inteligência e do Design Digital TIDD- PUC).. E-mail: dominiquelemesc@gmail.com

autora, que explorou as marcas pós-humanas do cinema ao TikTok. Em Culturas e Artes do Pós-Humano (2013), Santaella propõe o corpo como uma interface de linguagens, uma zona de mediação entre o biológico e o maquínico. Ao reconhecer o corpo como interface híbrida — e não como matéria a ser superada — Santaella nos convoca a repensar a própria definição de humano. Nesse sentido, a técnica não substitui a vida: ela a continua, prolongando o sensível em novas materialidades perceptivas.

É sabido que, para se chegar às ideias pós-humanas, o Manifesto Cibo*rgue* de Donna Haraway, bem como os estudos de N. Katherine Hayles (1999), forneceram a base e a estrutura epistemológica para compreender como as tecnicidades da pós-modernidade atravessaram o corpo — das artes performáticas ao cinema cyberpunk, e, por que não, às obras inquietantes de David Cronenberg. Pensar nesse corpo habitante da metrópole urbana e comunicante é pensar o rosto como índice: aquele que, na dúvida poética de Cecília Meireles em Retrato, já não se perde no espelho, mas encontra na contemporaneidade propulsão para imantar seus retratos.

O rosto pós-humano não é, portanto, a negação do corpo, mas seu chamariz perceptivo mais agudo. No caso de Anitta, sua face encarna essa condição estética: a pele torna-se mídia, o bisturi converte-se em extensão comunicante e a tela se transforma em prótese sensorial. O corpo é tradução de si mesmo, e o rosto, em sua forma mais aguda, é uma semiose viva — um campo de negociações entre carne e imagem. Para Santaella e Chagas, o pós-humano é menos uma ruptura e mais um modo de continuar sentindo através da técnica, o que transforma o rosto em uma superfície epistemológica, o lugar onde o humano se lê e se reinscreve. Em diálogo com Lotman (1996), poderíamos dizer que o rosto é um texto cultural: uma unidade semiótica onde o sensível e o simbólico se entrelaçam e onde a cultura escreve suas próprias metamorfoses visuais.

Deixando de lado o moralismo, o caso clínico e as fanfics da cultura pop, entende-se aqui o rosto de Anitta como objeto avalista do tempo. A artista, ao falar abertamente sobre suas transfigurações cirúrgicas e digitais, transforma esses atos em algo muito além de desvios de autenticidade. Sua transparência é um método: um exercício consciente de comunicação estética.

A cada modificação, ela reafirma o rosto como o novo centro da performatividade, deslocando o corpo para o segundo plano. O rosto — esse antigo espelho da alma — torna-se agora o espelho do código.

Há, contudo, uma ambivalência estrutural no produto "Anitta": a mesma cantora que, em seu primeiro clipe de alcance global, fez questão de exibir celulites para endossar a ideia de um corpo real, submete-se a constantes cirurgias e retoques digitais. Essa atitude manifesta o processo de negociação entre o corpo "natural" e o corpo "remodelado". Tal ambivalência não é contradição, mas sintoma do pós-humano: o corpo não escolhe entre natureza e técnica — ele se ritma entre ambas.

Em O Mundo Dado, Accioto (2021) descreve uma condição em que a vida se torna previsível, capturada por algoritmos e métricas que antecedem a experiência. É um mundo sem surpresa, onde o ritmo é determinado de fora. A partir dessa constatação, proponho a noção de vida algo-ritmada: uma tentativa de traduzir a temporalidade imposta pela técnica. O hífen não é apenas recurso gráfico, mas operador de pensamento, marca da fricção entre o "algo" (o dado, o cálculo, o previsível) e o "ritmo" (o batimento orgânico, o resíduo vital que escapa ao controle). A vida algo-ritmada é a respiração que persiste dentro do algoritmo, o corpo que ainda pulsa entre as métricas. Nela, a existência se torna um compasso de dados e afetos: um loop sensorial em que o humano continua a vibrar.

Se o rosto de Anitta é o palco de um drama semiótico, a inteligência artificial é sua regente invisível. As plataformas digitais, com suas redes e filtros, não são neutras: são ecossistemas de IA que operam segundo uma lógica de amplificação e validação. A vida algo-ritmada que experimentamos é consequência direta dessa operação. Os filtros digitais, por exemplo, não são máscaras; são mecanismos informacionais treinados por algoritmos de aprendizado de máquina. A IA processa milhões de imagens, aprende padrões de "beleza" e "perfeição" e aplica essas correções em tempo real. O rosto torna-se um campo de dados em constante processamento — uma pele informacional que respira por meio de cálculos. Como observa Hayles (1999), a

transição da carne para o código não elimina a materialidade, mas a reconfigura: a informação é uma nova forma de corpo. Assim, os algoritmos não apenas retocam, mas moldam o desejo. Ao nos mostrar versões aprimoradas de nós mesmos, a IA retroalimenta o ciclo da *tras-figura*, tornando a reescrita técnica do corpo um imperativo de sobrevivência estética.

Essa lógica ecoa também nas bolhas sociais e nos feeds personalizados. A IA, ao determinar o que vemos, amplifica a estética do controle e nos empurra para um "mundo dado", onde a experiência já foi curada e otimizada pelos dados. Em consonância com Terranova (2004), o afeto torna-se o combustível da rede — e é precisamente esse afeto que a IA captura, refina e redistribui. No rosto de Anitta, vemos a convergência dessas forças: o corpo humano se transforma em interface comunicante, e o desejo de transformação aparece como expressão de liberdade e reflexo de programação. O rosto-texto de Anitta é também a pele da IA; o hífen que une o humano ao técnico é a linha tênue que conecta o sensível ao código. Essa interpenetração entre carne e dado confirma o que Santaella (2013) descreve como o corpo híbrido — uma instância de percepção ampliada em que a técnica se torna coautora da experiência estética.

O rosto pós-humano de Anitta manifesta-se como um batimento visual incessante: capturas, correções estéticas, aparições e enquadramentos que transformam a expressão em loop. Os feeds e os filtros digitais, carregados de algoritmos, apenas escancaram o que o cinema já intuía. O pós-humano, aqui, nega a metáfora rasa do futurismo: é a constatação da inscrição sensível nas paixões razoáveis das telas e dos espelhos contemporâneos.

Ao discutir o *pathos* e a figuratividade, Parret (2008) entende o sensível como dimensão pela qual o corpo pensa. Sua noção de figuratividade estética nos permite ler o rosto como forma patêmica — o lugar em que o visível sente. Aplicado a Anitta, o conceito desvela o rosto como campo de pathos tecnicamente mediado: a emoção não desaparece, apenas muda de frequência. O rosto é, portanto, uma figuratividade em mutação. Partindo de Parret, o rosto pós-humano pode ser compreendido como uma *tras-figura*: a figura que se ultrapassa, atravessada por sua própria reescrita técnica. A *tras-figura* é o gesto estético que dá forma à vida algo-ritmada — o

movimento pelo qual a figura se deixa atravessar pelo seu próprio ritmo informacional. Se o pós-humano é o espaço e a vida algo-ritmada é o tempo, a tras-figura é o ato.

No rosto de Anitta, a tras-figura manifesta-se como método de sobrevivência estética: o contínuo ato de refazer-se para permanecer visível. Cada incisão cirúrgica, cada filtragem digital, cada enquadramento é uma nova iteração dessa operação simbiótica entre corte e polimento. O hífen é o operador que une as três instâncias: o pós-humano como condição, a vida algo-ritmada como tempo e a tras-figura como gesto. Na superfície do rosto de Anitta, o mundo dado encontra sua carne comunicante, o algoritmo ganha pele e o sensível adquire linguagem.

Em síntese, o hífen opera como ponto de sutura entre as três instâncias. No rosto, o algoritmo ganha corpo e o sensível se traduz em imagem. Anitta não anuncia o futuro: ela materializa o presente expandido do humano em permanente decifração, o ponto em que o hífen se torna visível — costura entre o biológico e o maquínico, entre o desejo e o dado.

Palavras-chave

Rosto; Pós-Humano; Algo-ritmo; Trans-figura

Referências

ACCOTO, Cosimo. **O mundo dado: cinco breves lições de filosofia digital**. São Paulo: Paulus, 2021.

BRAIDOTTI, Rosi. **The Posthuman.** Cambridge: Polity Press, 2013.

CHAGAS, Dominique Lemes. **O Rastro do Pós-Humano na Estética do Audiovisual: do Cinema ao TikTOK**. Dialética,. 2024

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** São Paulo: Annablume, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a história da sexualidade. In: _____. Microfísica do poder**. 20. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243–276.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século** *XX*. In: TADEU, Tomaz (org.). *Antropologia do Ciborgue.* Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HAYLES, N. Katherine. **How We Became Posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics**. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

LOTMAN, Iúri. **La Semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto.** Madrid: Cátedra, 1996.

MERELLES, Cecília. *Retrato.* In**: Poema-Conto**. Buenos Aires: Ediciones del Sur, 1998.

PARRET, Herman. **O páthos razoável**. In: PARRET, Herman. *A estética da comunicação: além da pragmática*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do Pós-Humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2013.

TERRANOVA, Tiziana. **Network Culture: politics for the information age**. London: Pluto Press, 2004.